

Eixo Temático ET 08-002 - Educação Não-Formal

INTERVENÇÃO LÚDICA SOBRE HIGIENE CORPORAL NA BRINQUEDOTECA DA ASSOCIAÇÃO HOSPITALHAÇOS EM RECIFE-PE

Marilia Rafaela Pereira da Cruz^{1*}, Michelle Francisca da Silva¹, Viviane Silva de Souza¹, Cíntia Carla dos Reis Maia¹, Micheline Barbosa da Motta²

¹Discentes de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); *E-mail: cruzpmar@gmail.com; ²Docente do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); E-mail: biomotta@yahoo.com.br.

RESUMO

Nos primeiros anos de vida estabelecemos relação com nosso próprio corpo e com o mundo através de experiências na família e na sociedade o que nos exige disposição física para experimentar o ambiente e desenvolver habilidades e competências. Quando uma criança adoecer fica mais chorosa e aumenta a dependência em relação aos pais o que piora quando são hospitalizadas. Nessa nova condição passa a se submeter à novas regras de horários e comportamentos que perturbam sua dinâmica familiar e escolar. Durante o internamento a criança também está exposta aos riscos de infecção hospitalar por permanecerem em enfermarias repletas de pacientes com doenças das mais diversas naturezas. É muitas vezes na brinquedoteca que a criança encontra refúgio e momentos de diversão que aliviam a tensão e a dor inerentes ao internamento hospitalar. Assim foi na brinquedoteca da Associação Hospitalhaços do Recife-PE que encontramos o ambiente ideal para realizarmos as ações ludo-pedagógicas demandadas pela disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 1. Nossas observações iniciais apontaram para a necessidade de um trabalho de educação em saúde com foco nos conceitos de microbiologia e na importância da higienização como prevenção às infecções hospitalares tendo como estratégias didáticas: o teatro de improviso, o jogo de trilha e a roda de conversa. Os resultados evidenciam grande receptividade e participação dos pacientes e acompanhantes, provavelmente pelo fato dos saberes construídos ao longo da encenação emergirem da realidade dos sujeitos da plateia que contribuíam com a trama da peça. Concluímos que o uso de ferramentas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem em ambiente hospitalar é de extrema relevância para a quebra da rotina terapêutica e a oportunidade de dar continuidade ao ensino de conteúdos escolares interrompido pela hospitalização, bem como, nos ajudou a perceber outros espaços formativos em que o ensino de biologia e ciências podem se manifestar.

Palavras-chave: Ensino de Biologia; Educação não-formal; Brinquedoteca hospitalar.

INTRODUÇÃO

É durante a infância que o sujeito estabelece sua relação com o próprio corpo e com o mundo que o cerca mediada pelas experiências pessoais, na família e na sociedade. Em seu dia a dia a criança busca explorar tudo a sua volta conhecendo e ressignificando um grande universo de seres e objetos o que lhe exige grande disposição física para experimentar o ambiente e desenvolver habilidades e competências necessárias à sua sobrevivência (MENÇA; SOUZA, 2013). Todavia, quando ela

vivencia períodos de doença seguidos de hospitalização toda a sua rotina muda repentinamente e isso traz implicações não só físicas, mas também emocionais para ela e toda a sua família. Segundo Oliveira (2009, p. 307),

O adoecimento e a hospitalização na infância são eventos não esperados para esta fase do ciclo vital, assim, são considerados como momentos de crise para a família. O processo de hospitalização infantil é, sem dúvida, marcante na vida de qualquer criança, uma vez que neste momento ela se percebe frágil e impossibilitada de realizar suas atividades normalmente, alterando a sua rotina diária, como brincar e ir à escola.

Ao adoecer a maioria das crianças fica mais chorosa e aumenta a dependência em relação aos pais (OLIVEIRA et al., 2005). Uma vez hospitalizadas, as crianças passam a conviver com um ambiente cheio de regras e normas rígidas que regulam seus horários e seu comportamento no que se refere as refeições, as roupas que devem usar, ao uso de banheiro coletivo, a definição da distância entre os leitos nas enfermarias para realização de procedimentos médicos e de enfermagem (os quais são muitas vezes invasivos e causam dor), sem falar da perda de privacidade (OLIVEIRA, 2009). Desse modo, a introdução do acompanhante durante o processo terapêutico é de extrema importância, sobretudo para crianças menores de 5 anos de idade (OLIVEIRA et al., 2005).

De acordo com Nóbrega et al. (2012) a participação dos acompanhantes e familiares ao longo da hospitalização deve ser vista como fundamental para o sucesso do tratamento da criança e cabe aos profissionais de saúde entenderem que os pais e outros cuidadores dessa criança também fazem parte do cuidado dedicado a ela e a participação ativa deles deve ser estimulada durante todo o tempo.

O que é corroborado por pesquisa conduzida por Oliveira et al. (2005) na qual foram monitorados dois grupos de crianças (1-5 anos) em situação de internamento hospitalar: (i) crianças que dispunham de acompanhamento de familiares e (ii) crianças sem acompanhamento familiar. Os resultados demonstraram que as crianças que obtiveram acompanhamento durante o internamento apresentaram menores reações físicas (choro, vômitos, diarreia, taquicardia, inapetência dentre outras), e emocionais (indiferença, medo, apatia, agressividade e irritabilidade) em comparação ao grupo de crianças sem acompanhamento familiar. Os autores destacaram que pela relevância da presença do acompanhante para o sucesso do tratamento terapêutico deve-se exigir políticas públicas que garantam o direito de familiares permanecerem junto a criança durante todo o internamento hospitalar.

De outro modo, Nóbrega et al. (2012) apontam que a hospitalização não é marcada apenas por procedimentos invasivos e dolorosos pelos quais passam a criança, mas há também uma outra preocupação que se refere ao risco iminente de infecção hospitalar dado que em uma mesma enfermaria são acomodadas crianças e adolescentes com doenças das mais diversas naturezas (infecciosas ou não). De acordo com o manual “Pediatria: prevenção e controle de infecção hospitalar” da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA):

Infecção Hospitalar (IH) é o agravo de causa infecciosa adquirido pelo paciente após sua admissão em hospital. Pode manifestar-se durante a internação ou após a alta, desde que

relacionado à internação ou a procedimentos hospitalares (BRASIL, 2005, p.12).

Vale ressaltar que os microrganismos podem ser transmitidos no ambiente hospitalar por vários meios, dentre eles, o mais frequente é o contato direto com as mãos dos profissionais de saúde, através das luvas não trocadas no atendimento entre pacientes, do contato com instrumentos contaminados e entre os próprios pacientes (BRASIL, 2005). Nesse sentido, a ANVISA informa que a higienização das mãos é a medida mais importante no controle da transmissão cruzada de microrganismos entre pacientes e preconiza que os profissionais de saúde devem lavar as mãos antes e depois do contato com os doentes, sangue, secreções, excreções e/ou artigos contaminados (BRASIL, 2005), o que defendemos ser extensível aos pacientes e seus acompanhantes.

Diante desse contexto, faz-se necessário o uso de estratégias de Educação em Saúde que possam gerar uma assistência diferenciada em que se valorize a participação da própria criança e de sua família no processo de prevenção da infecção hospitalar e recuperação da saúde do paciente NÓBREGA et al., 2012). Nesse sentido, Nóbrega et al. (2012), pontuam que “a brinquedoteca se configura num espaço de fundamental importância na Clínica Pediátrica para o estímulo à Educação em Saúde voltada aos pais que acompanham o processo de hospitalização e à criança” (p. 3).

As brinquedotecas hospitalares surgem como forma de superar o desconforto do internamento e de promoverem um ambiente de lazer no qual as crianças tenham momentos de diversão e de expressão de suas potencialidades. A compreensão de que a criança permanece sendo criança mesmo em processo de internamento justifica a inclusão da brinquedoteca na rotina hospitalar (ALVES e MEDEIROS, 2013). Assim,

(...) quando uma criança hospitalizada consegue ter momentos de distração e de divertimento, mergulham em um universo de possibilidades. O brincar beneficia as crianças, tornando-as mais receptivas aos serviços de saúde, aos procedimentos que serão realizados (...) adquirindo uma confiança maior com os profissionais de saúde e diminuindo o estresse, amenizando, assim, o sofrimento frente ao quadro clínico vivenciado (LIMA e SILVA JÚNIOR, 2016).

Nesse sentido “as atividades lúdicas poderão desempenhar um papel tão importante quanto os medicamentos utilizados no tratamento da enfermidade” como afirmam Alves e Medeiros (2013, p. 49).

Para o funcionamento da brinquedoteca temos os voluntários e brinquedistas que são os responsáveis por proporem atividades recreativas e educativas mediante práticas lúdicas que estimulem a criança no seu desenvolvimento físico, motor, emocional, mental e social (LIMA; SILVA JÚNIOR, 2016, p. 4). É por meio de atividades lúdicas, como as que acontecem na brinquedoteca, que são criadas condições de bem-estar, humanização e muita diversão. Reforçando assim, a importância do processo de ensino-aprendizagem no ambiente hospitalar. De acordo com Morais e Teixeira de Paula (2010):

[...] A brinquedoteca traz para dentro do hospital momentos de brincadeiras que contribuem para a continuidade do processo educativo da criança. Por ser um espaço lúdico e educativo diferente dos ambientes formais de educação e por apresentar

uma proposta humanizadora caracteriza-se como um espaço de Educação Não Formal (MORAIS e TEIXEIRA DE PAULA, 2010).

Uma vez sendo a brinquedoteca entendida como um espaço de Educação Não Formal, abre-se para licenciandos um campo inesgotável para a realização de suas ações pedagógicas. Nesse sentido, ampliar o campo de estágio para os licenciandos em biologia, incluindo os espaços educativos não-formais, permite não só a expansão das possibilidades profissionais como também uma formação mais crítica, cidadã e integral desse futuro professor sendo a disciplina de estágio curricular um dos momentos possíveis para implantação dessa experiência.

Ao promover situações pedagógicas em hospitais voltadas à educação em saúde no estágio curricular é possível que os licenciandos incorporem uma concepção mais humanizada e contextualizada sobre as doenças, percebendo-as através de seus “aspectos psicológicos, políticos e socioculturais” (CARVALHO e MOTTA, 2014, p. 1497) e desse modo redirecionando seu trabalho pedagógico relativo a essa temática. Para Carvalho e Motta (2014) “as experiências não escolares tanto servem para ampliar a percepção da atuação docente quanto contribuir para a abordagem humanizada e mais significativa dos conteúdos a serem tratados dentro e fora da sala de aula” (p. 1504).

Na perspectiva de tornar a brinquedoteca hospitalar mais um campo formativo para os licenciandos em biologia - sensibilizando o olhar dos estagiários sobre as questões de saúde trabalhadas na escola para além do aspecto biológico - situamos a experiência aqui relatada. Nosso trabalho foi desenvolvido para atender a uma das demandas da disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 1 na qual se previa o desenvolvimento de ações educativas em ambiente hospitalar em que houvesse classe hospitalar ou brinquedoteca no intuito de preencher lacunas relativas aos conteúdos de ciências nos sujeitos afastados da escola por motivo de hospitalização. As temáticas tratadas deveriam contemplar os aspectos da Educação em Saúde através de abordagem lúdica e contextualizada.

Embora as pesquisas apontem para os benefícios do trabalho ludopedagógico desenvolvido nas brinquedotecas há estudos que alertam para os riscos inerentes ao ato de brincar no hospital. É fato que a permanência em ambiente hospitalar torna seus frequentadores suscetíveis à algum tipo de contaminação por microrganismos e desse modo, os brinquedos da brinquedoteca devem passar por rigorosa higienização na tentativa de minimizar as infecções cruzadas entre seus usuários requerendo um trabalho de educação em saúde voltado a higiene tanto para crianças como também para seus acompanhantes.

Uma vez inseridos no ambiente hospitalar, especificamente no espaço da brinquedoteca, pudemos confirmar a necessidade de abordar questões relativas a higienização pessoal como forma de promover saúde e diminuir o risco de infecção hospitalar entre crianças internadas e seus acompanhantes, já que muitas delas não lavavam as mãos nem antes e nem depois das brincadeiras ou de sentarem no chão da brinquedoteca. Diante da possibilidade de infecção hospitalar a qual estão submetidos os pacientes infantis e de entendermos que a brinquedoteca permite momentos de brincadeiras que podem servir para dar início à um trabalho de Educação em Saúde propomos o referido trabalho cujo objetivo é: promover a higienização corporal e consequentemente a sensibilização das crianças e acompanhantes para adoção de

comportamentos preventivos a infecção hospitalar dentro da atmosfera lúdica que cerca a brinquedoteca.

METODOLOGIA

As atividades ludopedagógicas solicitadas pela disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 1 (EEB 1) ocorreram na Associação Hospitalhaços fundada em 1999 e que desde então vem beneficiando anualmente mais de 360.000 pessoas em todo país e que vem contando com cerca de 300 voluntários dentre eles palhaços humanizadores, brinquedistas, equipe de administração, equipes de apoio, comunicação e triadores. Na referida associação são desenvolvidas ainda atividades culturais em comunidades, como a implantação, a manutenção e a administração de brinquedotecas, produção de espetáculos teatrais e musicais, oficinas de artes plásticas e contação de histórias.

Dos 22 hospitais atendidos pela ONG, está o Hospital da Restauração (HR). Instituição pública criada em 1969 e a maior referência na área de traumas entre outras especialidades médicas da Região Nordeste do Brasil. A ONG tem o desafio permanente de criar uma atmosfera mais leve, alegre e descontraída para pacientes, familiares e profissionais da área da Saúde.

A partir das observações iniciais identificamos que a maior parte das famílias que visitavam a brinquedoteca eram de baixa renda e escolaridade em nível fundamental (completo ou incompleto) No que se refere às ocupações profissionais eram mais comuns a de doméstica e de trabalhadores autônomos. As crianças que hospitalizadas eram normalmente acometidas por problemas respiratórios, câncer, insuficiência renal, casos de picada de animais peçonhentos, dentre outros.

As atividades desenvolvidas no tocante a higienização do corpo e ao comportamento preventivo à infecção hospitalar foram conduzidas por estagiários do curso de biologia alunos do 5º período. Foram atendidas nesse momento específico 30 crianças na faixa etária de zero até 15 anos e seus acompanhantes, geralmente pais, mães, e outros familiares.

Para abordagem das questões sobre higiene corporal se utilizou de uma poderosa estratégia lúdica: o teatro. Como bem lembrado por Beuter et al. (2010, p. 404), o lúdico como “estratégia de cuidado pode auxiliar na revitalização do ser humano, ajudando o doente a perceber-se como sujeito social único e singular, contribuindo no processo terapêutico”. O teatro enquanto estratégia lúdica permite humanizar as relações entre sujeitos, dado que ele abrange aspectos sentimentais, intuitivos e das sensações, bem como, mobiliza a razão (SOARES et al., 2011), considerando ainda:

o imaginário, os desejos e os sonhos das pessoas, superando potencialmente as tradicionais fronteiras estabelecidas entre as disciplinas e permitindo a busca para a formação da cidadania, com a participação de todos os envolvidos como sujeitos da história (SOARES et al., 2011, p. 819).

Dentre as várias modalidades de teatro destaca-se o Teatro de Improviso que segundo Soares et al. (2011), trata-se de um espetáculo sem ensaio prévio ou texto pré-definido e que ao contar uma história busca um tema e uma plateia a qual poderá participar da representação e do enredo cuja trama se constrói ao tempo em que é encenado. Assim, nesse tipo de teatro tem-se como marca principal a “criatividade coletiva, cultivada pela imaginação livre e espontânea” (p. 819). As autoras ainda

ressaltam que muitas são as pesquisas que apontam para o uso do teatro na abordagem de temas ligados a educação em saúde.

Reconhecendo o papel lúdico e educativo do teatro se buscou introduzir conceitos básicos referentes aos cuidados com a higiene pessoal através de uma encenação teatral improvisada a partir das reações do público visitante da brinquedoteca da Associação Hospitalhaços. Para a realização do teatro de improviso foram escolhidas três personagens femininas e uma masculina sendo todas caracterizadas com adereços e maquiagem: a Lili e a Chiquinha, como sendo duas crianças e a Dona Vivi e o Super-imune, como sendo dois adultos. A peça teve como título “Aprendendo sobre a Higienização” e buscou tratar de conceitos importantes para a sensibilização dos pacientes infantis e seus acompanhantes no tocante a necessidade de uma boa higiene pessoal e da lavagem das mãos para evitar qualquer tipo de contaminação por microrganismos.

A situação encenada apresentou inicialmente as personagens Lili e Chiquinha conversando e brincando com alguns brinquedos da brinquedoteca. Enquanto as crianças brincavam Dona Vivi aparece com as mãos sujas de glitter que simbolizava os microrganismos e toca em Chiquinha. Após ter sua mão suja com o glitter sem que percebesse Chiquinha coloca a mão na boca, se contaminando. Após algum tempo brincando com Lili, Chiquinha começa a se sentir mal e começa a apresentar sinais de gripe, como espirros. Com isso o Super-imune entrou em cena e começou a indagar as crianças e acompanhantes sobre o que teria sido o motivo da doença da Chiquinha e como isso poderia ter sido evitado. Após isso a Dona Vivi apareceu e falou para todos: - Eu a contaminei. Quem mandou ela não lavar as mãos e colocá-la na boca ainda suja?!

A partir disto foi possível dar início a uma roda de conversa sobre Higienização corporal com as crianças, buscando sensibilizá-las sobre a importância da lavagem correta das mãos, especialmente em um ambiente hospitalar. Também foi possível falar de alimentação saudável, atividades físicas, higiene pessoal, remédios, nutrientes do corpo humano e inclusive de algumas doenças, como algumas parasitoses e viroses, por exemplo.

Para finalizar o debate e avaliar as crianças aplicou-se um jogo de tabuleiro sobre a Higienização Bucal, que consistiu em uma trilha que apresentava em algumas casas comportamentos adequados (como ir ao dentista regularmente ou uso do fio dental) nas quais havia indicação de alguma vantagem para o jogador enquanto em outras casas havia descrição de maus hábitos (como dormir sem escovar os dentes) na qual era prevista alguma punição para as crianças sendo o ganhador aquele que chegasse ao final da trilha mais rapidamente. Este jogo também contribuiu bastante na assimilação e resgate do que foi abordado anteriormente pela peça teatral e na roda de conversa com as crianças e seus acompanhantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O emprego da apresentação teatral como instrumento para sensibilização à saúde foi proveitoso, uma vez que o roteiro da peça foi se construindo durante a encenação não havendo diálogos e nem cenas preestabelecidas. A escolha pelo teatro de improviso deu a possibilidade de mudar o curso da trama de acordo com a reação dos espectadores, respeitando o nível de entendimento do público atendido pela brinquedoteca, bem como pelo tipo de interação que se estabeleceu entre as crianças e as personagens. Observou-se que o emprego do glitter não foi muito perceptível pelos espectadores, mas pela iniciativa dos estagiários que estavam atuando em fazer perguntas sobre o que estava

acontecendo, ficou claro que Dona Vivi estava infectando a Chiquinha, e assim propagando alguma doença. Acredita-se que a receptividade e a participação dos pacientes e acompanhantes foram massivas muito provavelmente pelo fato dos saberes construídos terem como espelho a realidade dos sujeitos que contribuíam com o texto final da peça. Nesse sentido, as interfaces criadas entre arte, educação e prazer possibilitou uma ação mais transformadora na medida que desperta a percepção crítica sobre a própria realidade dos sujeitos (SOARES et al., 2011).

Dado que o espaço da brinquedoteca era pequeno e que se tinha total proximidade com a plateia, houve uma maior interação tornando o formato da atividade ainda mais livre e engraçado. Ao tempo em que até a fala da criança mais tímida podia ser ouvida, valorizou-se cada dúvida ou colocação equivocada que eram capturadas em meio a encenação e assim tentou-se aprofundar o tema inicialmente previsto e inserir outros conteúdos como alimentação saudável, atividades físicas, remédios, nutrientes do corpo humano e algumas doenças, tendo como fio condutor os aspectos referentes ao autocuidado.

Durante a peça algumas colocações das crianças revelaram que havia uma conexão deles com detalhes da trama quando comentaram, por exemplo, que as mãos da personagem de Dona Vivi estavam sujas e que ela teria sujado a mão da personagem Chiquinha e com isso ela teria ficado doente. O depoimento de muitas crianças revelou que eles esqueciam muitas vezes de lavar as mãos após brincarem com os brinquedos da brinquedoteca, pois sabiam que os brinquedos já eram lavados antes de serem colocados no espaço, tornando-se desnecessário a lavagem das mãos, segundo eles. Neste momento, destaca-se a importância de lavar as mãos após o brincar, mesmo o brinquedo estando aparentemente limpo, pois ao passar pelas mãos de várias crianças pode haver uma contaminação do objeto por microrganismo e ele pode tornar-se um facilitador de infecção hospitalar. Com isso, as crianças entenderam e mostraram interesse em lavar as mãos sempre que terminassem de brincar. Por fim, durante a realização do jogo de tabuleiro foi visto que muitas crianças aprenderam a importância da higienização corporal, através dos seus acertos. Outras puderam compreender melhor durante o jogo quando recorriam aos pais/acompanhantes para obterem as respostas, fazendo com que os pais também fossem avaliados neste processo.

A curiosidade das crianças foi um ponto marcante já que as falas/perguntas do público eram contempladas de algum modo durante o desenrolar do enredo. Os sorrisos, as carinhas de espanto e as risadas a cada cena apresentada serviam como o feedback necessário para percebermos se estávamos interferindo na emoção daquelas pessoas que nos assistiam e se além do objetivo educativo por traz de tudo aquilo estávamos conseguindo fazer com que elas esquecessem um pouco da dor e do sofrimento pelos quais estavam passando. Uma vez que o investimento na brincadeira durante a hospitalização pode tornar o atendimento em saúde mais humanizado e assim estimular de modo contínuo e adequado o desenvolvimento neuropsicomotor e preserva a saúde mental das crianças (OLIVEIRA et al., 2009), algo que perseguíamos a todo momento.

Vale destacar que o fato das crianças e seus acompanhantes desconhecerem o risco de contaminação, mesmo em brinquedos aparentemente limpos, indica a necessidade de um trabalho de educação em saúde permanente nesse espaço o qual deve ser concebido em sua forma mais ampla, ou seja, como um ambiente ludo-educativo. O potencial educativo da brinquedoteca pode ser desenvolvido mediante uma assessoria pedagógica o que permitiria a brinquedoteca assumir-se como um ambiente não formal de ensino dando continuidade ao que as crianças têm visto na escola.

Adicionalmente, se verificou uma imensa contribuição dos pais durante as discussões na roda de conversa. Muitos deles relataram a dificuldade que os filhos tinham em realizar uma higienização adequada durante o período de internamento, como por exemplo, a dificuldade em tomarem banho regularmente, já que muitos tinham problemas de locomoção devido às limitações impostas pelos seus problemas de saúde. Acredita-se que graças ao trabalho conjunto de orientação promovido pela equipe médica e de enfermagem e do acolhimento e diversão feitos pela brinquedoteca os pais se integraram melhor a rotina hospitalar resultando em uma postura de maior envolvimento com os cuidados com seus filhos. Os acompanhantes pareciam não se limitar simplesmente a serem companhia das crianças, mas, sobretudo demonstravam entender a grande importância de sua presença para o sucesso do tratamento de seus filhos na medida que assumiam de modo ativo e parceiro os cuidados de saúde com as crianças. Em uma conversa informal com os pais capturamos suas impressões sobre as atividades desenvolvidas pelos estagiários da licenciatura em biologia. Os pais nos revelaram que tais atividades foram valiosíssimas na educação de seus filhos, já que muitos deles não realizavam a higienização adequada dos dentes até o momento, como também negligenciavam a higienização das mãos, desconhecendo as consequências desses maus hábitos.

No desenvolvimento deste trabalho foi possível fortalecer o entendimento de que a ludicidade experimentada através da peça teatral e do jogo de tabuleiro, quebrou a rotina das crianças internadas, possibilitando que elas resgatassem não apenas a imaginação, mas também, conceitos que tiveram contato ainda no ambiente escolar. Dando assim, continuidade ao seu processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

Diante disso, concluímos que o uso de ferramentas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem hospitalar é de extrema importância para a quebra da rotina hospitalar e continuidade do ensino, já que as crianças param de ir à escola por um determinado período em consequência da hospitalização. Além do que, a abordagem sobre a microbiologia incentiva não só as crianças, mas também os seus acompanhantes a adotarem bons hábitos de higiene, já que aprenderam sobre a necessidade de realizar uma higiene adequada da boca e do corpo de forma divertida e prazerosa.

A possibilidade de desenvolver atividades pedagógicas para o ensino de ciências dentro de um ambiente não formal de educação, como é o caso da brinquedoteca do Hospital da Restauração em Recife-PE que atende a um público não convencional formado por crianças internadas, foi desafiador e gratificante para professores em formação. Ao percebermos que é possível instruir sobre conceitos amplos de higiene pessoal e sensibilizar uma grande diversidade de sujeitos com diferentes faixas etárias, experiências e expectativas para terem um maior cuidado com sua saúde ancorados na ludicidade ficou a sensação de dever cumprido.

Acreditamos que intervenções como essa, deveriam ser recorrentes dentro do ambiente hospitalar, já que há o espaço e as ferramentas disponíveis para tais realizações. Em relação ao tema, sugerimos que sejam ainda mais abrangentes se estendendo para além da educação em saúde incluindo outras temáticas ligadas ao ensino de ciências, bem como, os conteúdos de outras disciplinas (história, literatura, matemática, etc), uma vez que as crianças ficam grande parte do tempo ociosas e afastadas de ambientes educacionais formais. Com esse trabalho, foi possível não só levar o ensino de ciências e muita diversão para esse público tão peculiar, mas também

ressignificar os espaços formativos dos licenciandos, considerando que outras experiências educativas que não as vivenciadas dentro da escola podem colaborar substancialmente para uma formação docente ampliada na qual a relação com o conteúdo biológico deva ser crítica, contextualizada e, sobretudo humanizada.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. A.; MEDEIROS, W. K. Brinquedotecas hospitalares: as atividades lúdicas no processo de recuperação da criança hospitalizada. **Revista Competência**, v. 6, n. 2, p. 47-64, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Pediatria: prevenção e controle de infecção hospitalar/ Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 116 p.

CARVALHO, D. A.; MOTTA, M. B. Ambientes educativos não escolares como campo de estágio para licenciandos em biologia. **Revista da SBEnBIO**, n. 7, p. 1495-1505, 2014.

LIMA, A. J.; SILVA JÚNIOR, R. Contribuições da brinquedoteca hospitalar na educação e saúde. VIII Fórum Internacional de Pedagogia, 2016.

MORAIS, J.; TEIXEIRA DE PAULA, E. M. A brinquedoteca hospitalar como espaço de humanização e educação não formal. **Cadernos da Pedagogia**, v. 4, n. 7, 2010.

MENÇA, V. B.; SOUSA, S. S. A Criança e o processo de hospitalização: os desafios promovidos pela situação da doença. **Psicodom**, v. 8, 2013. Disponível em: <http://www.dombosco.sebsa.com.br/faculdade/revista_11ed/arquivos/pdf/artigo_02_11.pdf>. Acesso em 24 abr. 2017.

NOBREGA, L. L. R. et al. A educação em saúde para a prevenção da infecção hospitalar na clínica pediátrica do HRTVM, Mossoró-RN. Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, 2012, Fortaleza. Anais do CBCENF, 2012. Disponível em: <<http://apps.cofen.gov.br/cbcenf/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/I35881.E10.T7680.D6AP.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2017.

OLIVEIRA, G. et al. O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade. V Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, de 7 a 10 de setembro de 2005, São Paulo.

OLIVEIRA, L. D. et al. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Rev. Bras. Crescimento Desenvol. Hum.**, v. 19, n. 2, 2009.

SOARES, S. M. et al. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. **Esc. Anna Nery**, v. 15, n. 4, p. 818-824, 2011.